

RESENHA: UMA LUZ SOBRE A HISTÓRIA CENTENÁRIA DAS MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO

REVIEW: A LIGHT ON THE CENTENNIAL HISTORY OF WOMEN IN BRAZILIAN SOCCER

Érika Alfaro de Araújo ¹

Resumo

O livro da pesquisadora Aira F. Bonfim, publicado em 2023, tem como proposta o resgate da história do futebol de mulheres no Brasil do ano de 1915 até sua proibição por lei em 1941. Dividido em três capítulos, o estudo, que tem como base os dados encontrados em jornais e revistas, aprofunda-se nas experiências de meninas e mulheres em festas esportivas, nos circos e nos subúrbios. Com uma proposta provocadora e de enfrentamento a narrativas hegemônicas que formam uma pretensa "história oficial do futebol", a obra visibiliza figuras femininas que fizeram parte do desenvolvimento desse esporte, revela fontes históricas, até então, inéditas, mapeia a ocorrência de jogos femininos no início do século XX e sistematiza os marcos introdutórios da prática no País, além de promover análises sobre as desigualdades de gênero que permeiam tal cenário. Assim, o livro se torna uma referência fundamental para os estudos sobre futebol de mulheres.

Palavras-chave

esporte; história do futebol; futebol de mulheres; gênero.

Abstract

The book by researcher Aira F. Bonfim, published in 2023, aims to rescue the history of women's football in Brazil from 1915 until its prohibition by law in 1941. Divided into three chapters, the study, based on information found in newspapers and magazines, covers the experiences of girls and women in sports festivals, circuses and suburbs. With a provocative proposal that challenges hegemonic narratives of an alleged "official history of football", the work highlights female figures who were part of the development of this sport, reveals unpublished historical sources, maps the occurrence of women's games at the beginning of the 20th century and systematizes the introductory milestones of practice on a national scene. Furthermore, it promotes analyzes of the gender inequalities that permeate this scenario. Thus, the book becomes a fundamental reference for studies on women's football

Keywords

sport; football history; women's football; gender.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Bauru-SP, com pesquisa financiada pela FAPESP (processo n. 2022/00984-0). Mestra em Comunicação e graduada em Jornalismo pela mesma instituição. Realiza pesquisa na linha de Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais com foco no jornalismo esportivo e suas relações com os Estudos de Gênero. E-mail: erika.araujo@unesp.br. Orcid ID <https://orcid.org/0000-0001-6283-9328>. Lattes ID <http://lattes.cnpq.br/9253989702991003>.

Introdução

O livro *Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*, de Aira F. Bonfim, de 2023, já nasceu como uma referência para os estudos que se debruçam sobre as relações entre mulheres e esportes, mais especificamente o futebol. Com origem na dissertação de mestrado da autora, no Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), a obra apresenta fontes históricas inéditas em uma proposta cuja ideia central, expressa no título com o recorte temporal, é a de trazer à luz histórias de mulheres que jogaram bola nos primórdios da modalidade no Brasil, antes mesmo da prática ser proibida por lei no território nacional, o que aconteceu em 1941.

“Onde estavam as mulheres na formação da História do futebol brasileiro?” (Bonfim, 2023, p. 19) é a pergunta que abre o primeiro capítulo e por meio da qual a autora conduz a leitura em uma viagem no tempo. Ao mergulhar nos “episódios mal contados e escondidos sobre os futebolis”, como aparece em sua apresentação, Aira se identifica como historiadora do esporte.

O propósito de trazer à tona informações que foram apagadas e negligenciadas por uma pretensa “história oficial” também aparece na etapa final do livro, em uma seção intitulada “Em primeira pessoa: os caminhos da pesquisa”. Nela, a estudiosa narra sua experiência e avalia que, embora não seja possível afirmar que a obra contemple em sua totalidade as histórias do futebol de mulheres no Brasil em sua origem, elementos significativos foram revelados, muitos dos quais eram desconhecidos, assim como “trajetórias esportivas de mulheres e meninas que não foram consideradas pela historiografia do futebol nacional”. Dito em outras palavras, quer dizer que o trabalho ampliou “o que conhecemos como ‘História do Futebol’, historiografia abordada, por vezes, de maneira presunçosa e excludente” (Bonfim, 2023, p. 300).

Para a autora, ao privilegiarem recortes que obedeciam uma hegemonia esportiva praticada por determinados grupos sociais, muitas das propostas de resgatar o futebol do século XX desconsideraram outros setores que também fizeram parte desse quadro ao contribuírem para o desenvolvimento da modalidade. Nesse sentido, “se a história do futebol é desigual, a do futebol feminino é ainda mais” e, quando as brasileiras são colocadas em foco, “estas narrativas se fazem ainda mais fragmentadas e subalternizadas e, por isso mesmo, o tempo todo negociadas” (Bonfim, 2023, p. 23).

A obra está dividida em três capítulos: festas, circos e subúrbios, respectivamente. Além deles, que representam o âmago do estudo, há o prefácio de Bernardo Buarque de Hollanda, professor adjunto da Escola de Ciências Sociais/ FGV CPDOC, as conclusões e a já citada seção sobre o percurso da investigação. A quarta capa ou contracapa traz as palavras da pesquisadora e ativista do futebol de mulheres, Silvana Goellner, com quem a autora dialoga em diversos momentos.

Com uma linguagem acessível, uma proposta provocadora e uma estrutura didática, a publicação cumpre o que promete e se torna uma referência importante justamente por não apenas questionar narrativas hegemônicas, mas por identificar e

nomear aquelas que “brincaram de futebol” desde 1915, mapear as ocorrências nos jornais de partidas com mulheres entre essa data e o ano de 1941, sistematizar os marcos introdutórios que incluíram o cenário de dentro e de fora do Rio de Janeiro e indicar os anos e locais de ocorrência de circos que tinham como atração o futebol feminino. A exposição dos dados em infográficos, as imagens imperdíveis e a diagramação digna de nota são fatores que corroboram para a afirmação de organização e didatismo.

Assim, o livro aborda, em um primeiro momento, as “festas *sportivas*” ou “domingueiras”, ambientes que as meninas brasileiras, assim como os meninos, passaram a frequentar e participar de brincadeiras, atividades culturais e de lazer promovidas pelos clubes pioneiros do País, principalmente na capital do Rio de Janeiro. Nesse cenário das primeiras décadas do século XX, outros marcos introdutórios do futebol foram apresentados, como a partida entre meninas do Vila Isabel F.C. em 1915 em terras cariocas.

Dessa forma, é nas festas *sportivas* que a obra identifica mulheres e meninas jogando bola, em uma manifestação lúdica do futebol. A autora explica que, nesse período, as práticas corporais foram estimuladas, sempre dentro do limite do que era considerado apropriado para as figuras femininas, ou seja, com exercícios que se afastavam da competição, do fortalecimento físico ou do desafio. A busca era pelos benefícios à saúde e pela relação com a beleza, cujo padrão à época, segundo sustenta Bonfim, era cientificista e estava submetido à satisfação dos desejos masculinos.

Ao abordar aspectos importantes para o debate esportivo, a publicação também ressalta elementos contextuais, como o fato de que esse incentivo ao contato com o sol, a natureza e atividades ao ar livre também significou para as mulheres a ocupação de espaços públicos. A mulher burguesa, em ambientes geralmente controlados, passou a ter mais experiências sociais: “o projeto de modernidade ensejava sobre a promoção de exercícios físicos para as senhoras e senhoritas, em sua maioria mulheres brancas, ricas e de considerável extrato social, frequentadoras dos clubes sociais onde havia o futebol carioca” (Bonfim, 2023, p. 40).

De acordo com a historiadora, o uso de transportes públicos foi um fator relevante para que as mulheres pudessem circular pela cidade e não mais ficassem apenas no ambiente doméstico. Essas novas oportunidades geraram discussões, por exemplo, sobre moralidade e locais adequados ou não para elas conforme critérios de origem, raça e classe social.

No decorrer do primeiro capítulo, a pesquisa conta as histórias de diversas partidas em que as mulheres aparecem, inclusive mistas, ressaltando que, embora esses certames tivessem tom de brincadeira e se afastassem da seriedade, serviram para mostrar que, aos poucos, elas se dirigiam para festas não para observar ou torcer, mas para protagonizarem jogos, para experimentarem e transformarem as experiências relacionadas ao futebol. Nesse período, a publicação deixa registrada a existência de inquietações em torno da prática do esporte bretão por mulheres, as quais começaram a ganhar contornos cada vez mais nítidos, o que estaria expresso na opinião pública estampada em jornais e revistas.

No segundo capítulo, a obra explora e se aprofunda nas atrações intituladas “*football feminino*” identificadas em picadeiros dos circos brasileiros entre 1920 e 1940 por

diversas regiões do País. Com a constatação que exposições circenses, teatros populares e apresentações musicais estavam em conformidade com o ambiente esportivo – e que as próprias festas *sportivas* eram um exemplo disso –, a autora analisa que, em uma estratégia de fidelização, para prender o público e a imprensa, bem como arrecadar mais com a bilheteria, os circos criaram campeonatos de futebol que duravam três dias para oferecer eventos inéditos que fariam a audiência retornar no dia seguinte. Dessa forma, também é exposta a aproximação dos produtores circenses com membros das principais ligas de futebol tanto da capital carioca quanto da paulista.

De acordo com a pesquisa, o teatro de revista e o circo eram espaços propícios para o rompimento daquilo que era cotidiano. Assim, a proeza corporal poderia ser considerada um dos primeiros componentes atrativos na elaboração dos repertórios, mas havia o elemento das transgressões dos corpos que realizavam atos irreconhecíveis e improváveis, ou seja, mulheres jogando bola publicamente. Conforme interpreta, as protagonistas de uma partida de futebol, vestidas com roupas curtas, atraíram a atenção dos espectadores curiosos e ávidos por uma cena incomum. “Se as apresentações das jogadoras durante as festas esportivas promovidas entre os clubes da época foram praticamente excepcionais, nos circos, tais atrações ganharam publicidade e maior exibição” (Bonfim, 2023, p. 134).

Defende-se que o esporte reconhecido já em todo o território nacional, quando praticado por mulheres, com mais ou menos capacidade técnica, não passava de uma atração hilária, de uma piada ou de um “faz de conta”. No entanto, é sustentada a ideia de que o picadeiro, quando se transformava em um campo de futebol, tinha as atrizes em seu centro usando as camisas de times populares. Assim, elas desafiaram os padrões da época, ousaram vestir publicamente shorts curtos, chutaram uma bola de capotão e brincaram com um dos esportes mais populares do Brasil. A autora destaca que o conjunto de fontes consultadas permite a compreensão que as atrações chamadas de “*football feminino*” contribuíram para a popularização da imagem de mulheres jogando bola no País.

Outro ponto levantado é que pouco se conhece sobre a interferência do decreto-lei de 1941 em torno das programações cênicas, pois, ao que tudo indica, a interdição também suspendeu a presença do futebol feminino como parte das atrações dos circos, já que foi o órgão da Divisão de Theatro e Censura que se comprometeu a não mais aprovar programas que contavam com mulheres jogando bola.

No terceiro capítulo, volta-se o olhar para o cenário da prática do futebol entre as brasileiras com maior regularidade em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro durante a década de 1930 e o ano de 1940. De acordo com a autora, a imprensa da época fez referência a locais, campos e sedes de clubes onde jogadoras atuaram naqueles anos, muitos dos quais encontravam-se no chamado subúrbio carioca – ou subúrbios, no plural, pensando em uma compreensão polifônica que advém da observação da presença do futebol de mulheres em um extenso território da cidade.

A imprensa noticiava confrontos femininos como preliminares em festivais esportivos que incluíam o futebol suburbano masculino ou “futebol menor”, como era

chamado. Assim, essas notícias foram lidas como uma demonstração da difusão do esporte entre mulheres na década de 1930, e de que a modalidade se tornou um notável meio de sociabilidade e lazer das populações suburbanas. Bonfim (2023, p. 177) avalia que “o futebol se apresentava cada vez mais como um importante elemento na construção de laços identitários e, à medida que se popularizava e mobilizava novos públicos praticantes, exacerbava conflito simbólicos e tensionamentos sociais”. Com essa afirmação, acionam-se registros que evidenciam como a prática esportiva e cultural popular desempenhadas pelas moças naquele período foi promovida e, depois, desqualificada até ser proibida pelo Estado.

A partir de então, o livro percorre registros históricos de jornais que narram os acontecimentos envolvendo diversos times, como o Casino do Realengo F.C., o Sport Club Brasileiro, o Eva F. C. e o Primavera A.C, entre muitos outros, e histórias de variadas mulheres, como a jogadora Adiragram (ou Adygram), apelido de Margarida Pereira, que foi presidente, zagueira e capitã do S. C. Brasileiro. São registros preciosos, com textos e fotos extraídos de periódicos, os quais revelam uma diversidade de elementos levados em conta no aprofundamento da análise empreendida pela autora. Um exemplo disso é a publicação, no Jornal dos Sports e na revista A Noite Ilustrada, de imagens das equipes femininas do Brasil Suburbano Football Clube no festival de inauguração da iluminação do campo do River F.C. no ano de 1931. Além de analisar aspectos como as vestimentas das jogadoras – uma equipe usando saia, outra bermuda longa – a autora faz observações que trazem à tona o cruzamento de opressões entre raça, classe e gênero:

Notadamente, a foto publicada revela mulheres jovens, adolescentes, além de constatar, pela primeira vez nos registros fotográficos encontrados, a presença de mulheres negras entre as equipes suburbanas. Tal confirmação vai nos oferecer um importante subsídio capaz de aprofundar ainda mais as reflexões sobre o enfrentamento destas mulheres ao aparecerem jogando bola publicamente naquela época. Esse dado, sobre traço racial dessas jogadoras, corrobora com suposições que incluem o racismo aos atravessamentos de classe e gênero nas decisões que envolverão o Estado, bem como a opinião pública, poucos anos depois, e que vão frear o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil (Bonfim, 2023, p. 193).

Ao longo de toda a obra, fica explícito o valor e a importância dos jornais, das revistas e de diversos periódicos tanto na construção da visibilidade do futebol de mulheres naquele momento de origem/desenvolvimento e na circulação de ideias em cada período estudado quanto como documento histórico que permitiu esse resgate feito por Aira Bonfim. Embora sejam fragmentos que indicam como essas experiências foram pouco noticiadas e documentadas, a investigação é construída por meio de informações extraídas de registros da imprensa.

Como salienta Barros (2021), os jornais são objetos que estiveram muito presentes na vida urbana nos últimos três séculos, e, há cerca de quarenta anos, os his-

toriadores passaram a se aproximar cada vez mais dos periódicos, utilizando-os como um tipo mais específico de fonte histórica capaz de oferecer numerosas informações, discursos e evidências para a análise das sociedades que os produziram e dos meios nos quais circularam.

Para Bonfim, se muito do que se sabe e compreende sobre os esportes foi e ainda é registrado pela mídia, sua importância como fonte de pesquisa histórica é inquestionável. A autora também destaca como os jornais ajudaram o trabalho na aproximação com os pensamentos de cada período, ainda que seja necessário levar em consideração que tal fonte oferece uma visão parcial, subjetiva e, até mesmo, por vezes, distorcida da realidade, tendo em vista os interesses e as perspectivas diferentes que fazem parte desse complexo quadro. Salienta-se, por exemplo, que as notícias esportivas selecionadas para a investigação foram produzidas, em sua maioria, por homens e para homens.

Dessa forma, o estudo de Aira Bonfim, situado no campo da História, reforça a importância e o potencial das investigações que relacionam mídia, gênero e esporte ao dispor das informações fornecidas pelos jornais e revistas publicados entre 1915 e 1941, discutir o impacto da circulação daquelas notícias na época e promover um reencontro com a memória preservada por esses periódicos.

Além de resgatar e contar diversas histórias, a obra analisa o conteúdo das mídias impressas, promovendo necessárias interpretações e problematizações sobre a representação feminina. Ao examinar uma manchete do *Jornal dos Sports*, em 1931, que dizia "Feminismo Avança... Dois *teams* de senhoritas vão disputar um *match* de *football*", observa-se que não foi encontrada nenhuma evidência do envolvimento de jogadoras suburbanas com os movimentos feministas nacionais daquele período, destacando que foi em 1932 que as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto e salientando o papel da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderada por Bertha Lutz (1894-1976), neste marco.

A autora afirma compreender que "foi a terceira onda feminista que influenciou uma parcela das mulheres brasileiras entre as décadas de 1920 e 1930", movimento que reivindicou o direito ao voto, bem como oportunidades de estudos e de trabalho, "lutas, demandas e vocabulários que, aos poucos, começavam a chamar a atenção da população suburbana" (Bonfim, 2023, p. 185).

No entanto, quando o assunto é o movimento feminista brasileiro – que tem sua trajetória trabalhada por autoras como Céli Pinto (2003), Maria Amélia de Almeida Teles (1999), Constância Lima Duarte (2019), Branca Moreira Alves (2019), Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Bacellar Sardenberg (2008) –, a luta pelo sufrágio está localizada como parte do contexto do feminismo de primeira onda, cujas pautas também incluíam a busca por igualdade, educação e melhores condições de trabalho, o enfrentamento à violência e à escravidão, entre outras. Esses debates aconteceram desde o final do século XIX e seguiram nas primeiras décadas do século XX.

Já a segunda onda, no cenário nacional, marca "a organização de nosso movimento feminista", bem como sua progressiva visibilidade, "ao lado da emergência de

um pensamento feminista entre nós”, o que “se deu em pleno regime de exceção política que se seguiu ao golpe militar de 1964” (Hollanda, 2019, p. 10). Assim, a chamada terceira onda feminista no Brasil corresponde ao período da década de 1990 e dos anos 2000.

Apesar dessa apresentação contextual destoante, Bonfim (2023) pondera que a expressão “feminismo avança” faz referência ao protagonismo assumido pelas moças do subúrbio, deixando claro o papel dissidente ou de exceção representado por elas ao jogarem bola publicamente na década de 1930. Assim, esse desafio ao que era socialmente esperado (e exigido) das mulheres foi associado às ideias defendidas pelo movimento feminista.

Por meio dos apontamentos de Aira Bonfim, é possível compreender que as histórias do esporte e do futebol feminino se misturam com própria trajetória de luta feminina no Brasil. Isso porque, na pesquisa, emergem questões como a ocupação de espaços públicos por mulheres, as construções de gênero, raça e classe presentes nas experiências de sociabilidade, lazer e práticas corporais, a forma como vestimentas revelavam aspectos relacionados às vivências femininas, a imposição de padrões de comportamento a meninas e mulheres, a existência de uma feminilidade dominante e os debates sobre maternidade compulsória – todos esses pontos fazem parte das discussões. Tais reflexões favorecem a noção de que o campo do esporte não deve ser excluído de debates que integram a agenda da sociedade.

A obra se aproxima do cenário da proibição do futebol de mulheres – o que aconteceu por meio do decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, outorgado por Getúlio Vargas –, expondo os discursos, presentes nos periódicos, que indicavam o incômodo gerado pelo fenômeno e as reações ao seu desenvolvimento. Bonfim (2023) resume os “argumentos” que embasaram tal decisão em quatro pontos: “a preservação de uma moral e dos ditos bons costumes”, “a manutenção de uma estética de ‘feminilidade’”, “a proteção das funções orgânicas da mulher” e “o cuidado com os valores e caráter das mulheres”. No entanto, revela a verdadeira razão: “Em 1940, as militantes feministas, bem como as jogadoras de futebol suburbanas, através de artifícios diferentes, questionaram a oposição binária entre os sexos. Este foi o motivo que levou a proibição desse esporte no Brasil” (Bonfim, 2023, p. 296).

Por fim, evidencia-se que o futebol pode ser percebido como um espelho dos grandes fenômenos socioculturais do século XX e XXI, que essa prática esportiva foi capaz de influenciar, representar ou mesmo excluir diferentes segmentos da sociedade humana. A autora sublinha que a história social presente em seu livro apresenta mulheres que participaram do futebol e dá visibilidade a personagens consideradas ameaçadoras da moral e dos bons costumes, vistas com ojeriza e tratadas com jocosidade ou estranhamento. Por fim, afirma que os responsáveis pelos impedimentos impostos ao futebol de mulheres mal sabiam que, cem anos mais tarde, essas figuras estariam de volta na publicação, “provocando-os mais uma vez e escrevendo, de uma vez por todas, o nome e a trajetória delas na história do futebol” (Bonfim, 2023, p. 298).

Com isso, levando em conta todo o trajeto de investigação aqui exposto, a obra traz uma contribuição histórica importantíssima à medida que preenche lacunas e lança luz sobre documentos, até então, inéditos. Em suma, ao enfrentar as narrativas hegemônicas sobre o tema, o livro de Aira Bonfim constitui-se uma leitura fundamental para quem se dedica a estudar o futebol.

Referências

ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, v. 52, p. 421-443, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_17. Acesso em: 22 abr. 2024.

BONFIM, Aira Fernandes. **Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)**. São Paulo: Edição da autora, 2023.

COSTA, Ana Alice de Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice de Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Orgs.). **O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA/ Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. p. 23-47.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Introdução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 9-20.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Recebido em: 29 abr. 2024
Aprovado em: 6 mai. 2024